

Escrever/Balbuciar

Rosane Preciosa

Talvez o título explique o tom arrevesado, preenchido por algumas linhas partidas, que ora encontram encaixes e montam um diagrama legível ora cortejam uma espécie de ilegibilidade, porque estão em negociação, confabulando sentidos, sempre provisórios, e por vezes se comprazem em fazer desandar tudo: é quando diabolicamente se embaralham e desmoronam sintaxe e sujeito juntos. Fica-se sem eira nem beira, como se costuma dizer, desamparado, em busca de algum ponto de apoio; e imperiosamente se recomeça, na vaziez.

Suportar a Vaziez! Um verso de Waly Salomão, que se repete no poema “**Estética da Recepção**”, publicado no livro *Tarifa de Embarque*, cujo efeito me parece ritualístico. “Suportar a vaziez como um faquir que come sua própria fome”. Se desempanturrar. Um convite ao intermitente esvaziar-se/preencher-se. E é bem bonito ler Waly dizendo que aprendeu com Hélio Oiticica que “a vaziez era uma das qualidades mais desejáveis por um artista”. E prossegue: “os artistas se repetem porque não passam por um período de abandono do *déjà vu*, do que tinham feito, da linguagem que tinham alcançado(...)”¹

A vaziez positivada pelo poeta, uma espécie de operação limpeza de área, método enviesado de escancarar portas e janelas para que o inesperado chegue, e chacoalhe as molduras tristes em que a vida se vê prensada, rebaixada pelos excessos de clichês, que Barthes costumava chamar de “massa gelatinosa que gruda na retina”, uma alusão à doxa, e que de fato faz um estrago danado.

Ainda é Waly quem nos adverte: “a vida não é uma tela em que se imprime sentidos exatos”. Não adianta nada acochambrar sentidos fáceis ao que recusa ordem. Nesse momento um sujeito entra em crise, que se agrava mais ainda, quando percebe que seu tolicionário – “fórmulas estereotipadas que as pessoas pronunciam para parecer inteligentes e atualizadas” –, desmantelou-se.²

Há quanto tempo sua maquininha de pensar-sentir vem sendo sucateada?

Somos feitos de linhas vitais, que vão se enroscando em nosso pescoço, e cada um de nós estica essas linhas na direção que puder. Viver com uma corda no pescoço, fala popular corrente, indicando casos de extrema urgência. E afinal é isso mesmo: somos feitos de linhas e temos urgência em estendê-las o quanto der, acautelados para não tensioná-las demais, evitando que se rompam drasticamente, interrompendo o fluxo de energia, estancando o processo vital.

1 *Anos 70 Trajetórias – Contradiscursos: do cultivo de uma dicção da diferença* – Iluminuras/Itaocultural, 2001

2 remissão a Flaubert, via tradução de Augusto de Campos

Tensão vital, tensão mortal: este, o enigma das linhas. Ninguém sabe ao certo em que direções desdobra-las. Há promessas e perigos.

Dos fios que andei esticando, Roland Barthes foi um deles. Um demissionário de um lugar instituído de saber, que me enredou em suas linhas sutis, me fazendo crer que leitores são interceptadores de ideias, que não pertencem a ninguém de fato. Estão dispersas por aí, são de quem pegar, fazendo disso um uso o mais ilimitado possível.

Ele me bagunçou quando vislumbrei que o sujeito que escreve é produzido pelo gesto de sua escritura, não preexiste a ela, vai sendo, de forma errante, inventando seus passos.

E me deu um auspicioso susto, quando percebi que essa figura eminente do Autor, que carrega consigo um texto cifrado, em busca de quem o decodifique, arranque dele seu segredinho, entra em colapso, e em seu lugar irrompe um tapete de vozes, saídas dos mil esconderijos da cultura, postas em circulação.

Rasura-se o autor em proveito de uma escuta atenciosa de seus agenciamentos com o Fora, em proveito das práticas da escritura, sem modelos mais ou menos legítimos de sua leitura. Para que ele possa ir ao encontro de forças cada vez mais impessoais: arrancar de si o idêntico e deixar que várias espécies de vizinhança lhe atravessem, o contagem, o multipliquem. Um corpo aspirador de intensidades, que não recepciona tudo não, mas o que com ele é capaz de compor simpatias: engulo isso/ não engulo aquilo de jeito nenhum.

Alguém que escreve é um catalisador de vozes dispersas, que, ao invés de ordená-las, aplastá-las, deseja experimentá-las em sua mais absoluta potência díspar, sabendo muito bem que não vai reger um coro bonitinho e harmonioso, composto de vozes afinadas e límpidas, mas que mergulhou de cabeça numa algazarra de vozes em palpitante conversação com o mundo. Estranha hospitalidade essa que vai ao encalço de vidas desconhecidas e acolhe sintaxes estrangeiras que o desacomodam do lugar, desmancham seu território, ao enredá-lo em experimentações sobre as quais não exerce nenhum domínio prévio. Abandona-se a essa prática. Não sabe no que vai dar. Desinstalado e desinstalando-se dos códigos estáveis da língua, sente-se vivo. Para além das falas vazias, repletas de palavras “conhecidas como rouba-tempo, que estão sempre disponíveis e aparecendo em legião”, surgem novas falas feitas de “palavras súbitas”, estas raras, que “vêm em geral cercadas de espanto (...) carregando consigo a breve duração de sua promessa”.³

Dessa linha Barthes, soltaram-se outros fios que sinalizavam, cada vez mais insistentes, um desejo de escrever. Mas o quê? Intenções de voz: timbres, modulações, um súbito embargo, possível sinal de tristeza, um gaguejo, um grunhido, um rumor, uma mudez. Vozes-textos transpassados por acontecimentos singulares, em que palavras ganham peso e cor, e reverberam os afetos que rondam um sujeito. Vozes que coreografam as várias composições subjetivas que ensaiamos viver, transitando por territórios molares, resistindo às suas

³ Nuno Ramos, *o Pão do Corvo*, São Paulo, Editora 34, 2001

emboscadas. A infatigável “esfera de produção de si mesmo”⁴, em que viver é dizer sim à irremediável desacomodação de si, sabendo que talvez não seja possível encontrar em parte alguma uma posição confortável para enfim reclinar o corpo.

Para o filósofo Gilles Deleuze, um outro desses fios, ninguém encontra uma ideia sozinho:

“é preciso um acaso, ou alguém que o dê a você”. E uma ideia circunscrita a um campo de saber pode se encontrar com outra, proveniente de um outro lugar bem diferente. E aí se dá um encontro assimétrico, que exatamente por isso é capaz de funcionar como uma surpreendente máquina propulsora de pensar. Algo que se aproxima, a meu ver, de uma ideia de Waly Salomão, ao dizer que todos deveriam experimentar escrever a partir da leitura de um livro que só de forma enviesada teria a ver com o que pretendemos abordar. Este, funcionaria, segundo Waly como “plataforma de lançamento”, uma espécie de “Cabo Canaveral”. Para ele, esse “experimento radical” só se completaria de fato se o livro fosse devidamente “assimilado” ou “adulterado”. A recomendação para que fosse adulterado prevalecia, é importante assinalar.

Barthes, Deleuze e Waly Salomão são operadores conceituais, intercessores, e eu os aspiro, e forçosamente os traio por admirá-los. São feitos de matéria leve, e toda a vez que a barra pesa, e preciso escapar, eles me auxiliam a traçar fugas, mobilizando torções no pensamento, que voa, tomando carona numa força forasteira. Pensar não é refletir sobre a vida, mas nela operar, intervir, de mansinho.

Essas vozes Barthes, Deleuze, Waly e outras mais, agenciadas, amparam o nascimento dessa desconjuntada subjetividade, sem asfixiá-la, sem submetê-la a um plano piloto de referências. Apóiam esse troço sem nome, e suas imperfeições, contradições, disparates, sem complacência alguma, mas bancam os extravios da existência, amparam os turnos de vaziez.

* Rosane Preciosa é doutora em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade. É autora do livro *Rumores Discretos da Subjetividade*. Atualmente é professora. do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora.

4 Waly Salomão em *Gigolô de Bibelôs*, Rio de Janeiro, Rocco, 1983.